

Coleção Estudos Brasileiros
vol. 29

Direção de:
Aspásia Alcântara de Camargo
Juarez Brandão Lopes
Luciano Martins

Ficha catalográfica

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G171e Galvão, Eduardo, 1921-1976.
Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil /
Eduardo Galvão; prefácio de Darcy Ribeiro. - Rio de
Janeiro: Paz e Terra, 1979.
(Coleção Estudos brasileiros; v. 29)

Bibliografia

1. Antropologia social - Brasil 2. Etnologia - Brasil
I. Título II. Título: Índios e brancos no Brasil III. Série

CDD - 301.2981
572.981
CDU - 39(81)
572(81)

79-0086

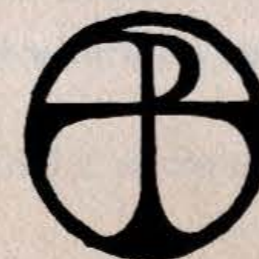
EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial:
Antonio Candido
Celso Furtado
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

Eduardo Galvão

ENCONTRO DE SOCIEDADES:

Índios e brancos no Brasil

Renato Nicolai



Paz e Terra

MUDANÇA CULTURAL NA REGIÃO DO RIO NEGRO

A região do Rio Negro, afluente pela margem esquerda do Amazonas, abrange dois municípios com uma superfície total de 300.000 km². Sua população atinge a cerca de 25.000 habitantes *. Condições geográficas fazem desse rio a *estrada* ao longo da qual se distribui uma população polarizada entre a sociedade urbana de Manaus e as sociedades tribais localizadas nos rios Içana, Uaupés e seus afluentes.

Entre a cidade de Manaus e as malocas do alto Rio Negro, vive uma sociedade cabocla, mestiça de índios e brancos. A maior ou menor proximidade de um desses centros resulta em cambiantes diversas de amalgamação cultural. À exceção de um pequeno grupo de índios tribais, não se encontram aí sociedades isoladas. As comunidades caboclas formadas pelo contingente índio e branco constituem uma sociedade campesina cujos membros constituem uma classe de trabalhadores rurais dependente do centro urbano maior. Mesmo os grupos tribais não integrados à sociedade regional, a exemplo os vários grupos de índios Maku, são afetados em

* Esse número não inclui a população de tribos indígenas que ocupam áreas dos formadores do Rio Negro, ou de grupos seminômades, a exemplo dos Maku. As estimativas sobre o total dessa população indígena carecem de verificação. Provavelmente atingem a cifra de 3.000.

sua cultura e organização pelas pressões que sobre eles exerce a sociedade cabocla. É nosso objetivo nessa comunicação chamar a atenção apenas para os processos gerais de formação e desenvolvimento da cultura e sociedade caboclas. Utilizamos como método de abordagem a análise da área regional em seu todo, deixando para mais tarde a análise de comunidades representativas de diferentes faixas de aculturação.

O processo de formação dessa cultura regional teve início no século XVII, com as primeiras entradas dos portugueses no que chamavam o "Reino dos Manáos". Tribos que habitavam nas proximidades da Barra do Rio Negro foram "reduzidas" por colonos e missionários, extintas ou expulsas para as terras do interior. Buscavam-se as "drogas do Sertão", especiarias como cacau, baunilha, cravo, salparrilha, e produtos animais, orientando-se a economia regional pelo mesmo padrão que haveria de predominar no Vale Amazônico, baseado exclusivamente nas indústrias extrativas. Os primeiros povoados e vilas surgiram das feitorias coloniais, estabelecidas ao lado de aldeias indígenas, cuja população já "domesticada" e destribalizada reajustava seu modo de vida pelos padrões impostos pelo colonizador luso.

Nos dias de hoje, num quadro em que já domina uma população mestiça, mantém-se a mesma economia. Desapareceram as antigas aldeias, substituídas agora por pequenos povoados e sedes de seringais ou de exploração de castanha e piaçaba. Comerciantes e regatões sobem até o alto curso do Rio Negro para "descer" índios destinados aos trabalhos de coleta de borracha, castanha e piaçaba. Parte dos índios "maloqueiros", pela dependência em que vivem de produtos comerciados pelos civilizados como o sal, a pólvora, o chumbo, os tecidos, e os instrumentos de ferro, são compelidos a abandonar suas aldeias para fixar-se junto aos povoados e centros de indústria extrativa, onde muitas vezes presos por débitos contraídos durante a safra são obrigados a permanecer por períodos prolongados.

A intensa atividade missioneira de padres salesianos, desvia boa parte dos indivíduos jovens das aldeias para as escolas nas missões, em que o processo de destribalização compulsória é acelerado pela disciplina e pela motivação religiosa.

Índios de várias procedências tribais tendem a agrupar-se nos povoados ou a estabelecer-se nas ilhas e sítios próximos, onde alternam uma pequena atividade agrícola com outras mais importantes baseadas no corte da borracha, da piaçaba ou na coleta da castanha. Esses índios até a segunda ou terceira geração são identifica-

dos segundo sua ascendência tribal, e mantêm muito de sua linguagem e hábitos tradicionais. Contudo são forçados a assimilar a *língua geral* ou o português, e reorganizar sua vida em moldes semelhantes aos do caboclo. Não constituem indivíduos ou grupamentos marginais. São indivíduos em fase de assimilação na sociedade regional. Além de sua franca participação na indústria extrativa ou como pequenos produtores de mandioca, um dos sintomas de assimilação se observa na substituição dos dialetos tribais, notadamente o tukano, língua que domina no alto Rio Negro, pela *língua geral*, forma modificada e atualizada do antigo tupi-guarani introduzido na região pelos missionários e colonos, a qual no presente ainda domina sobre o português. Os pequenos ranchos e tapiris, residência de pequenas famílias, substituem a grande maloca comunal do alto. O instrumental doméstico, redes, bancos de madeira, cerâmica, raladores de mandioca, tipitis e cestaria é em geral importado dos índios do alto e utilizado indiscriminadamente por índios e caboclos. Mantem-se o reconhecimento de parentesco e de filiação aos *sibs* e linhagens tribais, processando-se o casamento de acordo com essas regras até a segunda geração quando já se oblitera ou atenua a identificação tribal. Da mesma forma persistem crenças indígenas como as que se referem aos *Maíua*, seres encantados que habitam a água, aos *botos*, às *mães*, à *panema*, aos *pajés-sacaca*, aos *mutauari-sara* ou benzedores, e que são partilhadas pelos índios recentemente “descidos”, pelos que já vivem nos sítios e pelos caboclos. Muitas dessas crenças tribais foram atenuadas ou modificadas pela tradição cultural do caboclo e pela influência do catolicismo, particularmente a pressão exercida pelos missionários. Essas crenças perderam também sua expressão ritual pela impossibilidade de reunião de um número apreciável de indivíduos, visto que compelidos pelas circunstâncias da indústria extrativa tendem a espalhar-se pelos seringais sem possibilidade de reunir-se e manter as normas tradicionais tal como nas malocas de onde procedem. Nos sítios mais povoados e mais distantes do controle dos missionários ainda se pratica a cerimônia chamada *dabucuri* na qual participam “índios” e caboclos, velha tradição das malocas do Rio Negro e que gira em torno da oferta de frutos ou produtos da roça e do uso de flautas “jurupari” as quais as mulheres são proibidas de ver e tocar. São comuns e bastante freqüentadas festas católicas dedicadas aos santos padroeiros dos sítios e de localidades. É, aliás, de se notar que na grande maioria os sítios e povoados do Rio Negro são denominados segundo o santo. A iniciativa dessas festas de santo é geralmente mais individual e dependente de um patrão ou comerciante. Não observamos em grau apreciável a organização de ir-

mandades católicas, o que talvez se possa explicar pela extrema dispersão e mobilidade da população. Observa-se por outro lado um elevado número de estabelecimentos religiosos dirigidos por sacerdotes católicos, os quais condenam festas de iniciativa particular porque alegam nelas misturar-se elementos sagrados como ladainhas novenas, com outros, profanos, como danças.

O índio, recentemente “descido” ou já de segunda geração e fixado nos sítios e seringais, não atua como elemento simplesmente passivo que engajado na economia local e tendo abandonado a sociedade tribal substitui seus elementos culturais pelos do caboclo com que esta em convívio. Pelo contrário, atua sobre a cultura do caboclo reavivando nela os elementos indígenas herdados na geração passada. Em face das condições do ambiente geográfico, da economia baseada na extração de produtos naturais, da dificuldade de comunicações e conseqüente isolamento das pequenas comunidades e a par da fraca densidade da população, a influência do centro urbano tende a diluir-se e subordinar-se ao ambiente regional. O emigrante português ou de outras regiões brasileiras que para aí se deslocou ou ainda se desloca, atua fracamente no sentido de modificar a cultura regional porque também obrigado pela imposição da economia extrativa se dispersa e se dilui na massa cabocla. São em geral homens solteiros que encontram na mulher índia ou cabocla um fator ponderável de integração à cultura local. Os agentes da cultura urbana, em particular os regatões e as tripulações dos barcos de comércio não se fixam na região, e via de regra se interessam tão somente pela difusão de artigos de consumo produzidos em Manaus ou outros centros urbanos, que ao invés de modificar a cultura regional tendem a reforçá-la.

No Rio Negro o ciclo econômico obedece à variação das duas estações, das chuvas entre abril e setembro, da seca nos meses restantes. Nesses domina a extração da borracha, naqueles a coleta da castanha. A piaçaba que pode ser cortada durante todo o ano depende para o seu transporte da cheia nos rios que facilita a navegação.

Os povoados e sítios estão localizados junto às margens do rio ou de seus afluentes maiores, de preferência em terras altas. O interior não é habitado. Mais do que o povoado o que caracteriza a ocupação do Rio Negro é o *sítio*. Esse é um local ocupado por uma família e agregados, em geral trabalhadores índios. O *sítio* está, via de regra, localizado em uma ilha onde exista um seringal, porém, seu dono dispõe também de um outro local em terra firme onde faz roça e coleta a castanha. No *sítio* trabalham o chefe da família, sua

mulher, filhos e índios assalariados. O dono do *sítio* depende ou de um comerciante estabelecido num dos raros povoados ou, se dispondo de maior capacidade financeira, de um regatão em Manaus.

A coleta de borracha nas ilhas e a da castanha na terra firme leva a população a um movimento, da terra firme para as ilhas durante o verão, e de retração aos barrancos durante o inverno. Não se faz sentir a necessidade de nucleamentos porque os regatões de Manaus preferem transacionar diretamente com os donos dos *sítios*, caboclos ou índios, atuando eles como financiadores das safras. Na realidade esses regatões cujas viagens são periódicas substituem no Rio Negro o patrão ou o seringalista de outras regiões do Amazonas. Ao invés do clássico barracão típico da estrutura sócio-econômica da Amazônia encontramos no Rio Negro, não obstante a extensão de sua área, o regatão, ou em outros termos, o patrão com sede em Manaus.

As sucessivas crises econômicas derrubaram os grandes seringalistas provocando a dispersão da população pelos pequenos sítios ou pequenas "situações". As famílias que ocupam sítios transacionam diretamente com os viajantes das casas aviadoras em Manaus, que se esforçam pela própria necessidade de melhores comissões em aumentar e dispersar o número de fregueses. Esses fregueses são em geral portugueses ou brasileiros e um pequeno número de índios já destribalizados e fixados junto aos centros de produção, os quais por sua vez agem como intermediários para seus assalariados ou para índios recentemente "descidos" e que ainda não possuem crédito.

A indústria extrativa está sempre sofrendo de carência de braços, o que no Rio Negro é ainda mais acentuado que em outras regiões de acesso mais fácil a emigrantes. O recurso é recrutar trabalhadores entre os chamados "índios maloqueiros" do alto. E na medida em que se elevam ou decrescem os preços da borracha, da castanha e da piaçaba, há maior ou menor número de "descimentos" de índios. Qualquer estudo de aculturação ou de mudança de cultura no Rio Negro terá que ser orientado com vistas a esse fator econômico, pois é ele o principal responsável pelo desenvolvimento dessa sociedade mestiça ou cabocla que emerge da fusão de elementos de procedência tribal e brasileira.

Qualquer tentativa de caracterização cultural dessa área, e sobretudo a definição do que se poderia chamar da "constante indígena" que particulariza e identifica o Rio Negro terá que ser abordado de um ponto de vista que inclua os seguintes fatores: a) o histórico, a cultura e a densidade demográfica dos grupos indígenas

que ocupavam e ainda ocupam o Rio Negro, tendo em conta que é possível identificá-los como partilhando de um tipo de cultura da floresta tropical; b) a tecnologia baseada no tipo de indústria extrativa para a exploração da borracha, da castanha e da piaçaba, obrigando a dispersão de população e praticamente obliterando outros tipos de indústria, como por exemplo a agrícola; c) o sistema econômico que revolve em torno da cotação de um produto de indústria extrativa e que tende a reforçar a utilização dessa mão de obra indígena e manter aqueles padrões demográficos conseqüentes dos dois primeiros fatores; d) fatores culturais propriamente ditos ou seja a identificação e caracterização das culturas indígenas e a dos outros elementos que vieram a povoar essa área e que em geral procedem de origem portuguesa ou nacional, e as modificações que ocorreram pela troca ou pela amalgamação de traços culturais, as quais resultaram nesse quadro que embora muito próximo em suas linhas mais gerais daquilo que se define como cultura regional amazônica, tem muito de particular e específico do Rio Negro e que permite identificar essa área como uma sub-região cultural da Amazônia.

Publicado anteriormente: SIMPÓSIO socio-etno-sociológico sobre comunidades humanas no Brasil. *Anais 31. Congresso Internacional de Americanistas, S. Paulo, 1954.* p. 313-9.

